

A estética do homem bestificado: engajamento e narrativa em **Ensaio sobre a cegueira** e o **Ensaio sobre a lucidez**, de José Saramago

Junia Paula Saraiva Silva*

Resumo

As obras **Ensaio sobre a cegueira** (1995) e **Ensaio sobre a lucidez** (2004) do escritor português José Saramago mostram a transformação do homem em um ser bestializado diante do sistema capitalista que o transforma em vítima de sua própria criação. Saramago reproduz essa bestialização humana na escrita com uma estética própria e instigante, o leitor dos ensaios se depara com a intranquilidade de obras que espelham a brutalidade do capitalismo social. Nesse caminho, o autor, em um percurso bem delineado, nos leva a compreender a necessidade de luta do proletariado.

Palavras-chave: Ensaio; Saramago; bestificado; capitalismo.

* Doutoranda em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como bolsista CNPQ. Graduada em Psicologia pela mesma instituição.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1051-1210>.

The Aesthetics of the objectified man: Engagement and Narrative of *Seeing* and *Blindness* by José Saramago

Abstract

The works *Essay on blindness* (1995) and *Essay on lucidity* (2004) by the portuguese writer José Saramago show the transformation of man into a bestialized being in the face of the capitalist system that turns him into a victim of his own creation. Saramago reproduces this human bestialization in writing through his own and instigating aesthetic, the reader of the essays is faced with the uneasiness of works that mirror the brutality of social capitalism. In this way, the author, through a well-defined path, leads us to understand the need for the struggle of the proletariat.

Keywords: Essay; Saramago; Bestified; Capitalism;

Introdução

Nesta pesquisa, procuraremos observar e discutir a proposta do escritor português José Saramago em criar, nas obras **Ensaio sobre a cegueira** (1995) e **Ensaio sobre a lucidez** (2004), a figura do homem bestificado construída esteticamente dentro de um sistema social capitalista.

Os dois ensaios do escritor português – o primeiro sobre uma cegueira branca que atinge a população de uma cidade e o segundo sobre o fenômeno do voto em branco que instaura o caos – fazem parte do seu projeto literário e compõem o “interior da estátua”. Para José Saramago, antes de escrever **Ensaio sobre a cegueira**, ele estava descrevendo a estátua, a superfície da pedra e todos os seus aspectos, ou seja, os rostos, as roupas, os gestos. Segundo o escritor, em seu artigo “Da estátua à pedra” (2013), o exterior da estátua se refere às suas obras identificadas como romances históricos, como é o caso, por exemplo, das obras **Memorial do Convento**, **A história do cerco de Lisboa** e **A jangada de pedra**.

O escritor contesta sua posição de romancista histórico, assim como relata nunca ter tido um projeto literário, devido ao fato de escrever sobre o tempo presente e não sobre o passado, conforme afirma sobre sua obra **Manual de pintura e caligrafia**: “Como se vê, não há aqui nada de romance histórico. Salvo se considerarmos o presente como **fato histórico** [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 30, grifo do autor). De acordo com Carlos Reis, “a questão do romance histórico em Saramago é uma falácia (para dizer o mínimo) tão absurda como a da ausência de pontuação em sua prosa.” (REIS, 2013, n.p).

Chamamos de projeto literário aquilo que José Saramago define como amadurecimento e etapas: “Percebi, então, que alguma coisa tinha terminado na minha vida de escritor e que algo diferente estava a começar.” (SARAMAGO, 2013, p. 42). Vislumbramos que, para o escritor português, uma simples definição da crítica literária que pudesse enquadrá-lo como romancista histórico, ou definir sua obra como um projeto não abarcava a grandiosidade de sua proposta ao escrever. No entanto, o que fica claro, para os críticos e para o próprio escritor, é que sua escrita tinha tomado outras direções – essa é a definição do escritor de “exterior” e “interior” da pedra.

O primeiro passo de Saramago, no intuito de detalhar o interior da pedra, é a obra **Ensaio sobre a cegueira**, uma de suas obras mais conhecidas e aclamadas. Na obra, a narrativa gira em torno de uma epidemia de cegueira branca que atinge gradativamente toda a população, exceto uma única mulher que, por ter sua visão preservada, torna-se guia de um grupo que tenta sobreviver em um mundo caótico, no qual, ao longo da narrativa, as pessoas vão se tornando bestiais aos olhos intactos da mulher, devido ao comportamento animalesco das pessoas em situação de cegueira. Nesse sentido, a narrativa propõe a desumanização do homem pautado em vácuos existenciais que os distanciam uns dos outros. O escritor afirma que essa é a sua tentativa de entrar no “interior da pedra”, ou seja, no “mais profundo de nós mesmos”, além de proporcionar uma reflexão sobre quem somos: “No fundo, o que o livro quis expressar é bem simples: se somos assim, que cada um se pergunte por quê.” (SARAMAGO, 2013, p. 43).

Na obra **Ensaio sobre a lucidez**, a narrativa gira em torno do voto em branco de mais de oitenta e três por cento dos eleitores de uma cidade, não nomeada, descrita como capital de um país anônimo. Nesse segundo ensaio, o governo interpreta essa atitude dos eleitores como um golpe contra a democracia, os governantes entram em conflito com a população, reagindo ao voto popular como se fosse uma peste:

Com o perdão do reparo, disse o ministro dos negócios estrangeiros, e devo mesmo recordar a este conselho de que não são poucos os estados que me manifestaram a sua preocupação de que o que está a suceder aqui possa vir a atravessar as fronteiras e espalhar-se como uma nova peste negra, Branca, esta é branca, corrigiu como um sorriso pacificador o chefe do governo [...] (SARAMAGO, 2004, p. 60).

Diante disso, o governo, em uma atitude autoritária, decide colocar a cidade em estado de sítio, suspendendo os serviços básicos fornecidos pelo governo e criando barreiras em volta da capital. O intuito do governo, nesse ensaio, era instaurar o caos, levando o culpado pela “peste branca” a se entregar; no entanto, de forma surpreendente, os cidadãos se unem para manter a capital em funcionamento.

Nesses cenários com narrativas que beiram o insólito, são construídos os dois únicos ensaios saramaguianos. Na obra **Ensaio sobre a**

cegueira, a cegueira branca representa muito mais que uma incapacidade física de enxergar, conforme descreve Saramago: “Talvez nossos olhos vejam, mas a nossa razão esteja cega.” (SARAMAGO, 2013, p. 43). No seu primeiro ensaio, a metáfora da cegueira branca representa a suspensão da racionalidade e, até mesmo, da humanidade. Poderíamos pensar que essa razão perdida seria encontrada, de alguma forma, na obra **Ensaio sobre a lucidez**? Saramago nos deixa uma pista sobre isso, na epígrafe do **Ensaio sobre a cegueira**, sobre algo que se perde e que precisa de uma cautelosa atenção: “Se podes olhar, vê. Se pode ver, repara.” (SARAMAGO, 1995, p. 10).

As duas obras não são uma sequência, mas se complementam. Narram fatos e práticas da vida humana em um sistema social que as bestializa e desumaniza e mostram o poder do estado presente no controle social. Serão essas questões que discutiremos neste artigo sobre os ensaios de José Saramago.

A estética do homem bestificado

Não é sem motivo que o escritor José Saramago decidiu por construir um ensaio nas obras **Ensaio sobre a cegueira** e **Ensaio sobre a lucidez**. O ensaio é um gênero diferente do romance, que proporciona uma liberdade, assim como a imensa criatividade ao autor, necessárias para o início da descrição do “interior da pedra” pelo escritor. A esse respeito, Theodor Adorno faz uma longa explanação em defesa do gênero em sua obra **O ensaio como forma** (2003).

Para Adorno, o ensaio começa com aquilo sobre que se deseja falar e, sem rodeios, termina onde acha que se deve terminar, não faz questão de seguir uma fórmula de início, meio e fim – nisso se faz presente a liberdade do gênero. Ademais, outras características apontadas pelo teórico são encontradas nos dois ensaios saramaguianos, por exemplo, o peso e a substância que são conferidos à experiência, assim como o fato de o ensaio desafiar a noção de que aquilo que é historicamente produzido pode ser reduzido à categoria de objeto de teoria. Nesse sentido, Saramago sempre foi especialista em “perverter”, em prol de sua literatura, a história oficial

enrijecida, como é o caso da obra **O ano da morte de Ricardo Reis** (2017), em que um misto de ficção e história se entrelaçam de uma maneira singular. Na obra, Saramago narra a morte do poeta português Fernando Pessoa e seu heterônimo Ricardo Reis em plena ditadura de Salazar em Portugal.

Para chegar em seu primeiro ensaio, Saramago adquiriu experiência de escrita em suas obras consideradas como romances históricos, conforme afirma: “[...] sinceramente, creio que quando escrevi O evangelho segundo Jesus Cristo era demasiado jovem para escrever o Ensaio sobre a cegueira e só há dois anos de diferença entre estes livros, mas também acho que quando escrevi o Ensaio era demasiado jovem para poder escrever Todos os nomes.” (SARAMAGO, 2013, p. 48).

As obras, que consolidaram o escritor português como “romancista histórico”, levaram o autor a adquirir a experiência de escrita necessária para construir suas narrativas que investigam profundamente a experiência humana, narrativas que são, muitas vezes, construídas no insólito. Em vista disso, Saramago usou técnicas narrativas para criar a imagem do homem bestificado em seus ensaios, exemplificando a distância estética cunhada por Theodor Adorno em sua obra **A posição do narrador no romance contemporâneo** (2003). De acordo com o teórico, a distância estética é uma técnica narrativa em que a distância fixada anteriormente varia ou é rompida completamente, conduzindo o leitor até o ponto de vista do narrador. Ao caracterizar a técnica, Adorno usa as obras de Franz Kafka como exemplo:

Por meio de choques, ele [Kafka] destrói no leitor a tranquilidade contemplativa diante da coisa lida. Seus romances, se é que ainda cabem nesse conceito, são uma resposta antecipada no mundo no qual uma atitude contemplativa tornou-se um sarcasmo sangrento, porque a permanente ameaça da catástrofe não permite mais a observação imparcial, nem mesmo a situação estética dessa situação. (ADORNO, 2003, p. 61).

Nos dois ensaios saramaguianos, podemos perceber que o escritor português emprega a técnica narrativa descrita por Adorno, visto que o clímax narrativo das obras se encontra no início do romance, uma vez que o caos provocado pela cegueira branca e pelo voto em branco instaura-se logo nas primeiras páginas. Na obra **Ensaio sobre a cegueira**, o primeiro

cego é afligido pelo mal branco nos primeiros parágrafos: “Estou cego.” (SARAMAGO, 1995, p. 12). Em **Ensaio sobre a lucidez**, o voto em branco é descoberto no final do primeiro capítulo: “Pouquíssimos os votos nulos, pouquíssimas abstenções. Todos os outros, mais de setenta por cento da totalidade, estavam em branco.” (SARAMAGO, 2004, p. 24). Além disso, o leitor saramaguiano, tal qual o leitor kafkiano, é tirado do seu lugar de conforto diante de narrativas que não permitem mais uma “atitude contemplativa” devido ao caráter profético e distópico de suas obras.

É possível notar nos ensaios de Saramago um discurso narrativo semelhante ao discurso das obras do escritor tcheco Franz Kafka, que denunciava a burocracia e a objetificação do homem pelo sistema social. De acordo com Adorno, Kafka seria o representante máximo dessa técnica, conforme podemos perceber, por exemplo, em sua obra **A metamorfose** (2009):

Certa manhã, ao despertar de um sonho inquieto, Gregor Samsa descobriu-se em sua cama transformado num insuportável inseto. Deitado de costas, duras como um casco, ele viu, ao erguer um pouco a cabeça, sua barriga arredondada, pardacenta, repartida por pregas arqueadas, do alto da qual a coberta, já quase toda caída, escorregava. Diante de seus olhos moviam-se desesperadas suas várias pernas, ridiculamente finas em comparação com suas proporções de antes. (KAFKA, 2009, p. 29).

Nessa obra de Kafka (2009), cuja história narra a transformação da personagem Gregor Samsa em um inseto, o clímax acontece no primeiro parágrafo. Outra técnica narrativa usada por Kafka e, de certa forma, apropriada por Saramago é a técnica de inversão, ou seja, é um método de colocar o espantoso como algo despojado de espanto, sendo completamente realista; essa é uma técnica cujo objetivo é mostrar a trivialidade do absurdo, como uma inversão, em que mostra aquilo que causa espanto desprovido de todo terror, com a qual se espera justamente revelar como aquilo assusta (ANDERS, 1969).

O teórico Guther Anders, em sua obra **Kafka: pró e contra** (1969), afirma que o mais assustador na obra do escritor tcheco não são as ocorrências em si, mas as reações das personagens perante circunstâncias tão incomuns; elas agem como se estivessem diante de objetos e acontecimentos normais,

por exemplo, o fato de um familiar se transformar em um inseto ou um homem ser acusado por um crime que não tenha cometido.

Em comparação com os escritos de Franz Kafka, a inversão aparece de forma moderada nos ensaios saramaguianos. Nestes, essa trivialidade do absurdo surge como uma crítica ao sistema social capitalista que banaliza as relações humanas, conforme apontado nas situações de isolamentos forçados como uma proposta do governo para solucionar problemas.

Na obra **Ensaio sobre a cegueira**, os primeiros cegos são alojados em um manicômio de forma compulsória e com assistência mínima para manutenção da vida. Em um trecho da obra, podemos perceber o desespero das personagens ao chegar ao local de isolamento:

O que não estaria bem seria imaginar que estes cegos, em tal quantidade, vão ali como carneiros ao matadouro, balindo como de costume, um pouco apertados, é certo, mas essa sempre foi sua maneira de viver, pelo com pelo, bafo com bafo, cheiro com cheiro. Aqui vão uns que choram, uns que gritam de medo ou de raiva, outros que praguejam, algum soltou uma ameaça terrível e inútil. (SARAMAGO, 1995, p. 112).

O espaço do manicômio aparece com bastante simbolismo, visto que é um lugar historicamente criado para alojar pessoas à margem da sociedade, indesejadas e que causavam mal-estar social. Nesse sentido, a jornalista Daniela Arbex resgata a história do manicômio da cidade de Barbacena, em Minas Gerais, em sua obra **Holocausto brasileiro** (2013). Arbex descreve os horrores vividos pelos internos, conforme podemos perceber no trecho a seguir:

Milhares de mulheres e homens sujos, de cabelos desgrenhados e corpos esqueléticos cercaram os jornalistas. [...] Os homens vestiam uniformes esfarrapados, tinham as cabeças raspadas e pés descalços. Muitos, porém, estavam nus. Luiz Alfredo viu um deles se agachar e beber água do esgoto que jorrava sobre o pátio. Nas banheiras coletivas havia fezes e urina no lugar de água. Ainda no pátio, ele presenciou o momento em que carnes eram cortadas no chão. O cheiro era detestável, assim como o ambiente, pois os urubus espreitavam a todo instante. (ARBEX, 2013, p. 149).

Para a jornalista, o presenciado no manicômio assemelhava-se aos campos de concentração nazistas mantidos durante a Segunda Guerra Mundial. O cenário encontrado por Arbex e seus colegas jornalistas demonstra a devassidão da experiência humana elevada ao nível máximo, homens e mulheres subjugados em condição de objetos passíveis de descarte, animalizados e bestializados.

De forma semelhante, na obra **Ensaio sobre a cegueira**, o isolamento dos que cegavam e a repressão para os que ousassem deixar o cárcere, deu origem a uma sociedade à parte, com as suas próprias leis, na qual o caos instaurou-se de forma impositiva. Nesse contexto, foram retirados todos os direitos dos cegos de exercer a cidadania e de ter o acesso aos bens sociais. Essa situação, aos olhos dos governantes, não parece como algo irreal, assim como o pensamento nazista durante a Segunda Guerra Mundial de encarcerar judeus ou de forçar a internação de pessoas em manicômios.

Na obra **Ensaio sobre a lucidez**, o isolamento também parte do governo, entretanto, como forma punitiva. No romance, o governo se retira da cidade, assim como retira todos os serviços úteis para a capital, conforme ilustrado neste trecho:

No dia seguinte confirmou-se o rumor, os camiões da limpeza urbana não saíram à rua, os recolhedores do lixo declararam-se em greve total e tornaram públicas umas reivindicações salariais que o porta voz da câmara imediatamente acudiu a protestar serem de todo inaceitáveis, e muito menos nessa altura, disse, quando a nossa cidade se encontra a braços com uma crise sem precedentes e de desenlace altamente problemático. (SARAMAGO, 2004, p. 102).

O estilo de escrita de Saramago sem pontos, sem regras, de parágrafos longos e diálogos embutidos nos discursos entre as vírgulas usa elementos como a ironia, a metáfora e analogias como estratégias discursivas, além das técnicas narrativas citadas anteriormente. Em vista disso, esses recursos e técnicas permitem que o escritor português consiga apresentar a interioridade das personagens que se manifesta na consciência. Dessa forma, o escritor expõe a condição do homem no mundo contemporâneo, ou seja, expõe o “interior da estátua”. Além disso, a proposta saramaguiana, nos seus ensaios, é mostrar a complexidade desse homem contemporâneo

inserido em um sistema capitalista que oprime e desumaniza o homem, tornando-o bestializado. Discutiremos essa questão na seção a seguir.

Narrativa, denúncia e engajamento nos ensaios

O homem bestializado, nos ensaios de José Saramago, é aquele que vive cercado pelas leis e regras de um sistema social preestabelecido que privilegia uma parcela pequena da população e escraviza a grande maioria. Um sistema que luta, com todas as forças, para se manter vigente e que se desestrutura diante de situações adversas.

Nos dois ensaios de Saramago, o sistema representado pela instituição “governo” não consegue se manter nas situações da cegueira branca e do voto em branco, mostrando sua completa falibilidade – por exemplo, os dois isolamentos impostos que geram o oposto do esperado pelo governo: o primeiro isolamento, da cegueira, foi organizado para gerar ordem (contenção da doença) e produziu o caos; o segundo isolamento foi organizado para gerar o caos (obrigando o culpado a se entregar) e produziu ordem. A respeito do caos, Saramago afirma, em sua obra **O homem duplicado** (2002): “O caos é uma ordem por decifrar [...]” (SARAMAGO, 2002, p. 103). Talvez, por essa razão, o caos esteja presente em seus dois ensaios, apontando para uma sociedade que constrói relações sociais sem ética e lucidez. De acordo com o filósofo Zygmunt Bauman:

[...] ordem e caos são gêmeos modernos. Foram concebidos em meio à ruptura e ao colapso do mundo ordenado de modo divino, que não conhecia a necessidade nem o acaso, um mundo que apenas era, sem pensar jamais em como ser. [...] A descoberta de que a ordem não era natural já foi a descoberta da ordem como tal. (BAUMAN, 1999, p.12-14).

Na obra **Ensaio sobre a cegueira**, o caos se instaura gradualmente e a irracionalidade do mundo contemporâneo é escancarada no decorrer da narrativa. Saramago nos apresenta, no seu primeiro ensaio, a degradação humana na sociedade contemporânea, vulnerável a todos os tipos de exploração: física, sexual, econômica e moral. Nesse sentido, a cegueira

branca que atinge a população é usada como um postulado natural para espelhar aquilo que os homens são verdadeiramente e o modo como se comportam, conforme exposto: “Depois, como se acabasse de descobrir algo que estivesse obrigado a saber desde muito antes, murmurou, triste, É dessa massa que nós somos feitos, metade indiferença e metade de ruindade.” (SARAMAGO, 1995, p. 40).

A cegueira também aponta para questionamentos sobre a sociedade desumanizante e desumanizada que emoldura umas das passagens de teor mais brutal na obra: o momento em que os primeiros cegos, de quarentena no manicômio, revelam sua bestialidade e agressividade pura na relação com o outro. A partir da situação de cárcere, os cegos aprisionados expõem a verdadeira face da violência; destituídos da visão e da impossibilidade de usarem as máscaras sociais consagradas, as personagens inauguram um verdadeiro colapso moral, a parti do qual, em diversas passagens do ensaio, a sanidade mental das personagens cegas é colocada em dúvida. Podemos perceber esse tema no trecho a seguir:

Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado que queriam mulheres. Assim, simplesmente. Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, ainda que de não todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil de imaginar, os aturdidos emissários que vieram com a ordem voltaram logo lá para comunicar que as camaratas, as três da direita e as duas da esquerda, sem exceção dos cegos e cegas que dormiam no chão, haviam decidido, por unanimidade, não acatar a degradante imposição, objectando que não se podia rebaixar a esse ponto a dignidade humana, nesse caso feminina [...] a resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem. (SARAMAGO, 1995, p. 165).

De acordo com Max Weber (1950), o sentimento de desencanto com o mundo e a crescente racionalização produziu uma ordem social que se torna racional apenas para o sistema capitalista. Dentro desse contexto, a racionalidade própria do capital se fundamenta em novas formas de exploração e dominação. Na visão de Weber, isso acontece na esperança de que a expansão do capital proporcione progresso e melhoria para todos. Entretanto, o capitalismo, da forma como conhecemos, não consegue lidar com fatores adversos e, com o mais importante, com o fator humano. Nesse sentido, Saramago afirma sobre seu primeiro ensaio:

A cegueira desaparece porque nunca tinha sido uma verdadeira cegueira. As personagens viveram uma experiência em que o uso racional da razão as conduziu a extremos de violência e de crueldade semelhantes aos que hoje vemos e vivemos em todo mundo. O meu romance [Ensaio sobre a Cegueira] espelha o horror contemporâneo, não é mais duro que a realidade que nos rodeia. (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 314-315).

Em vista disso, talvez possamos retomar, nesse ponto, a pergunta feita no início desta pesquisa: a razão perdida na obra **Ensaio sobre a cegueira** foi encontrada, de alguma forma, na obra **Ensaio sobre a lucidez**?

Na obra **Ensaio sobre a lucidez**, a população da capital não nomeada se insurge silenciosa e pacificamente. Nesse contexto, a brancura não é mais a cegueira e, sim, a lucidez. O governo fracassa em suas tentativas iniciais de dissolver o “mal branco”; em um primeiro momento, quando decidem realizar novas eleições, os votos em branco aumentam de percentual; posteriormente, em uma tentativa de coagir a população, o governo ordena que os cidadãos sejam aprisionados e interrogados, conforme podemos perceber no trecho a seguir:

A partir de agora os agentes passavam a trabalhar divididos em dois grupos numericamente desiguais, o mais pequeno para o trabalho de campo, do qual, verdade seja dita, já não se esperavam grandes resultados, o maior para prosseguir com o interrogatório das quinhentas pessoas retidas, não detidas note-se bem, aumentando quando, como e quando fosse necessário a pressão física e psicológicas a que estavam sendo submetidas. (SARAMAGO, 2004, p. 49).

O governo toma medidas vigorosas para retomar o controle da capital, entretanto, seus esforços fracassam. Diante desse cenário, os governantes decidem abandonar a cidade, deixando-a desprotegida, com intuito de instaurar o caos; no entanto, conforme dito anteriormente, a população da capital não se abala e continua vivendo normalmente suas vidas. A obra de Saramago mostra o poder da união popular diante do sistema, poder que pode ser revolucionário, conforme trecho em que, após o abandono do governo e a suspensão dos serviços essenciais como

o da limpeza urbana, as mulheres saem às ruas para manter a cidade em funcionamento:

O editorial foi lido, a rádio repetiu as passagens principais, a televisão entrevistou o diretor, e nisso se estava quando, meio-dia exato era, de todas as casas da cidade saíram mulheres armadas de vassouras, baldes e pás, e, sem uma palavra, começaram a varrer as testadas dos prédios em que viviam, desde a porta até o meio da rua, onde se encontravam com outras que, do outro lado, para o mesmo fim e com as mesmas armas, haviam descido. (SARAMAGO, 2004, p.127).

Em uma das cenas mais belas da obra, as mulheres, devidamente “armadas”, mostram como a sociedade pode se organizar de forma autônoma e eficiente, levando para o plano real a máxima de Karl Marx e Friedrich Engels: “Proletários de todos os países, unam-se!” (MARX, 2012, p. 85). Ainda nesse sentido, Saramago mostra, em seu segundo ensaio, que o povo não derruba o poder para construir outra forma de poder – a população da capital desejava apenas viver de uma forma menos opressora, conforme podemos perceber no trecho a seguir:

Alguns sugeriram que fosse um grupo falar com o presidente da câmara municipal, oferecer leal colaboração, explicar que as intenções das pessoas que haviam votado em branco não eram deitar abaixo o sistema e tomar o poder, que aliás não saberiam que fazer depois com ele, que se haviam votado como votaram era porque estavam desiludidos e não encontravam outra maneira de que se percebessem de uma vez até onde a desilusão chegava, que poderiam ter feito uma revolução, mas com certeza iria morrer muita gente, e isso não queriam, que durante toda a vida, pacientemente, tinham ido levar os seus votos às urnas e os resultados estavam à vista. (SARAMAGO, 2004, p. 203).

No entanto, mesmo diante de um ato passivo da população, o voto em branco, o governo reage agressivamente contra aquilo que o desestabiliza e ameaça, como no ato dos agentes do governo que organizam uma explosão em uma estação de trem para culpar os “brancos”, em mais uma tentativa de instaurar o medo e o caos na capital. Nesse sentido, Saramago afirma em sua obra: “É regra invariável do poder que, às cabeças, o melhor será

cortá-las antes que comecem a pensar, depois pode ser demasiado tarde.” (SARAMAGO, 2004, p. 116).

Ao longo da narrativa do seu segundo ensaio, Saramago aponta para a possibilidade de uma sociedade se organizar de forma autônoma, mas não sem custo. No decorrer da obra, os governantes continuam procurando por um culpado pelo “mal branco”, acreditando que, ao tirar do anonimato o agente desse mal, a cidade voltará à ordem previamente estabelecida. Diante disso, a mulher do médico acaba por levar a culpa, devido ao fato de não ter cegado durante a epidemia de cegueira branca, o que acarreta sua morte ao final da narrativa.

O segundo ensaio saramaguiano não deixa respostas a nenhuma questão, pelo contrário, abre diversas possibilidades para reflexões e questionamentos. Na obra, não existe uma razão para o que move o capital e o movimenta, mas há a lucidez de uma população que talvez tenha começado a compreender que o sistema não pode continuar sem a colaboração do proletariado. Nas obras de Karl Marx, a luta de classes aparece como base de seus escritos: essa luta entre oprimidos e opressores, do proletariado contra a burguesia seria o fator relevante para toda a história que foi construída. As lutas de classe foram originadas devido às relações econômicas de cada época.

Na obra **Manifesto do partido comunista**, Marx e Engels situam o proletariado como aquela classe fora da pequena burguesia e única com capacidade revolucionária. Para os teóricos, “[as] outras classes entram em declínio e finalmente desaparecem diante da Indústria Moderna.” (MARX, 2012, p. 50). Em seus escritos mais tardios, na obra **O capital** (2013), Marx define o proletariado como um homem livre que pode dispor de sua força de trabalho como sua própria mercadoria, assim como, por outro lado, não dispõe de nenhuma outra mercadoria para vender. Dessa forma, segundo Marx, com o contínuo processo de acumulação de capital, o contingente de trabalhadores livres cresce, considerando que, quanto maior for o capital, de mais trabalhadores ele precisa. Esse é um sistema que se retroalimenta, no qual a disputa entre o dominador e o dominado cria um ciclo de injustiça social que explora a classe trabalhadora.

Em vista disso, consideramos que esse é um sistema que bestializa os homens e os tornam seres individuais e egoístas, conforme aponta Karl Marx: “o egoísmo é o princípio da sociedade civil e revela-se como tal logo que a sociedade civil produziu plenamente o Estado político.” (MARX, 2013, p. 42). Em **Ensaio sobre a cegueira**, Saramago também aponta para esse ponto: “na verdade ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a que chamamos egoísmo, bem mais dura que a outra, que por qualquer coisa sangra.” (SARAMAGO, 1995, p. 169).

Em seus ensaios, Saramago não cria personagens heróis, apontando para o fato de que a sociedade não precisa de heróis para promover a mudança, conforme relata sobre a mulher do médico:

[...] quero clarificar algo eu já assinalei antes, a propósito do fato de não se encontrarem heróis nos meus romances, apenas gente normal, que vive vidas normais [...] Podia ser que cegasse no capítulo seguinte, mas, de repente, quando nele trabalhava, compreendo que esse personagem, a mulher, não podia cegar, porque havia sido capaz de compaixão, de amor de respeito, de manter um sentido de profunda dignidade na sua relação com os outros, porque reconhecendo a debilidade do ser humano foi capaz de compreender. (SARAMAGO, 2013, p.43-44).

Na narrativa, Saramago elucida essa questão construindo uma personagem passível de atos bondosos e altruístas, ao mesmo tempo que é capaz de atitudes egoístas e degradantes para proteger o seu grupo. Como forma de ilustrar sua visão sobre a mulher do médico, o escritor a compara com a obra *La Liberté guidant le peuple*, do artista Eugène Delacroix, para dizer que a personagem não se encontrava nessa posição heroica: “não era a liberdade guiando o povo, os sacos, felizmente cheios, pesavam demasiado para os levantar como uma bandeira.” (SARAMAGO, 1995, p. 225). A seguir, apresentamos uma reprodução da pintura do artista francês, em que a mulher, segurando uma bandeira em uma mão e na outra um mosquete com baioneta, representa a liberdade guiando seu povo por cima dos corpos dos derrotados:

Imagem 1 - *La Liberté guidant le peuple*



Fonte: Site L' Histoire Parl' image.

Considerações finais

Os dois ensaios de Saramago apontam para o humano e sua degradação e, além disso, para o sistema opressor que o torna bestializado. Toda bestialidade humana que aparece no **Ensaio sobre a cegueira** parece ser produzida no interior de um sistema totalmente burocrático e capitalista – é o que aponta o **Ensaio sobre a lucidez**.

No entanto, não devemos redimir o homem completamente de sua capacidade de se tornar opressor e, certamente, devemos pensar de forma mais crítica sobre a célebre frase de Rousseau “O homem nasce bom, a sociedade o corrompe”, afinal, o homem foi capaz de construir um sistema social tão opressor como o capitalismo, fazendo com que a grande maioria da população pereça dentro desse sistema. Saramago já dizia: “É desta massa que somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 40).

Que massa seria essa? Para o autor, o homem é o lobo do próprio homem: “O homem converter-se-ia definitivamente no lobo do homem.” (SARAMAGO, 2013, p. 43). Saramago não exime o homem de sua culpa em perverte-se, no entanto, o autor mostra que a criação humana, o capitalismo, passou a atuar de forma quase independente e que os homens se tornaram

vítimas de sua criação. Os mecanismos que levaram a isso são de longa data e merecem que sejam estudados com atenção.

Para o psicanalista Sigmund Freud, em sua obra **O mal-estar na civilização** (2011), é impossível para o homem ser feliz em sociedade. Freud dizia isso a respeito das pulsões. Para o psicanalista, o homem abre mão de suas pulsões agressivas e sexuais em prol do laço social. Corroborando o pensamento de Freud, Saramago aponta para a perversão dentro dessa sociedade, que torna ainda mais difícil a vida humana.

O escritor português, reconhecidamente comunista, aponta para uma solução que melhore as condições de vida em sociedade: abolir o sistema opressor, o capitalismo. Resta-nos, para continuação da vida humana, seguir os conselhos saramaguianos e nos “armar”, unidos, como as mulheres que limpam a capital em **Ensaio sobre a lucidez**, e, para isso, não precisamos de heróis, apenas da lucidez de cada um.

Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

AGUILERA, Fernanda Gómez. Um livro inconcluso, uma vontade consistente. In: SARAMAGO, José. **Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2014.

AGUILERA, Fernando Gómez. **José Saramago nas suas palavras**. Alfragide, Portugal: Caminho, 2010.

ANDERS, Gunther. **Kafka: pró e contra os autos do processo**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

DELACROIX, Eugène. **La Liberté guidant le peuple**. [1830]. Disponível em <https://histoire-image.org/etudes/liberte-guidant-peuple-eugene-delacroix>. Acesso 20 de junho de 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Editora Esdras, 2009.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das letras, 2012.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

MARX, K. **O Capital** - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

REIS, Carlos. José Saramago: a estátua e a pedra. **Jornal de Letras**, 12 a 25 de junho de 2013.

ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Editora Universidade de Brasília - Hucitec. Brasília, 1986.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e Discursos de Estocolmo**. Belém: UFPA, 2013.

SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SARAMAGO, José. **O Caderno**. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2009.

SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WEBER, Marx. **General Economic History**. Glencoe: The Free Press, 1950.